

O Brasil não é o México...

MARCO AURÉLIO GARCIA

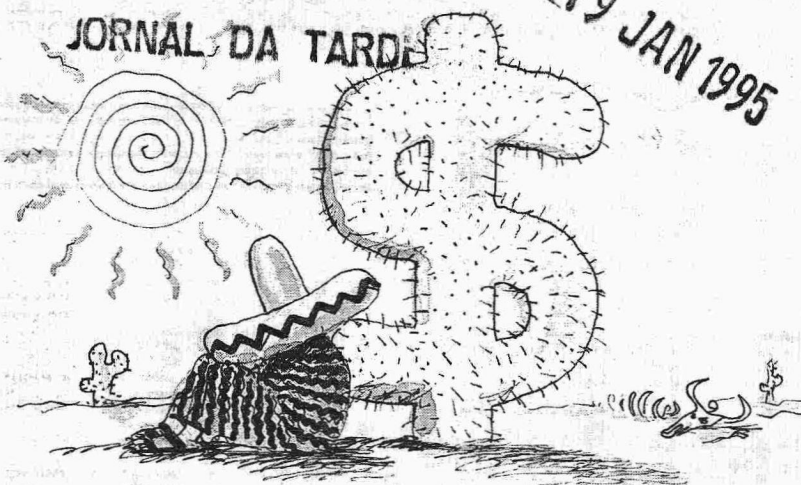
O cataclisma que se abateu sobre a economia mexicana nos últimos dias de dezembro produziu uma avalanche de declarações tranquilizadoras que podem ser resumidas na frase "calma, pessoal, que o Brasil não é o México".

E curioso ouvir hoje esta afirmação na boca daqueles que até bem pouco tempo cantavam loas ao "modelo mexicano". Se o "Brasil não é o México" por que ter utilizado a política econômica aplicada naquele país nos últimos anos como verdadeiro paradigma a ser seguido aqui?

Um jovem e trêfego economista do Banco Central, que, há pouco tempo não escondia seus planos de fechar 1995 com um déficit comercial entre 5 e 7 bilhões de US\$ aqui no Brasil, teve de revisar às pressas seu projeto depois que dezembro revelou um saldo negativo de US\$ 1 bi. Hoje ele pontifica sobre a "falha básica" que o México cometeu ao "deixar acumular um elevado déficit em conta corrente".

Ora, não somente os críticos do ajuste brasileiro vínhamos denunciando desde há muito a existência deste déficit, como mostrávamos que ele decorria do saldo negativo da balança comercial, consequência da abertura selvagem realizada e da política cambial correspondente.

Além de sermos acusados de "arcaicos", insensíveis à "modernidade", éramos qualificados de ignorantes, pois não levávamos em conta a capacidade mexicana de atrair capitais, lograda após as privatizações, e de uma supostamente ade-



SE O BRASIL É DIFERENTE
DO MÉXICO, HÁ QUE CONSTRUIR
UMA ALTERNATIVA QUE
LEVE EM CONTA ESSA DIFERENÇA.

quada resolução da dívida externa.

Mostramos **ad nauseam** que os capitais que afluíam às bolsas do México e que, dizia-se, compensavam o pesado déficit comercial, eram os conhecidos "capitais andorinhas", que entram e saem com grande velocidade e dependem de decisões tomadas fora do país. Enquanto isto a indústria mexicana não sofria a transformação produtiva que a tornaria mais competitiva, o PIB não crescia e o país se via inundado de importações. Para culminar este processo, a dívida externa praticamente dobrara, superando a brasileira e criando compromissos de curto prazo que tornam mais sinistro o quadro mexicano para 1995. A tudo isso acrescenta-se que, vendida boa parte das estatais,

não sobraram muitas "jóias de família" para tentar conjurar a situação atual.

Não é necessário ir adiante para mostrar que, "se o Brasil não é igual ao México", havia gente se comportando como fosse, a ponto de não só defender as receitas mexicanas (e suas vertentes congêneres na América Latina), como de começar efetivamente a aplicá-las.

Se o Brasil é diferente do México — e da Argentina e do Chile — há que construir uma alternativa que leve em conta esta diferença.

Não se trata de voltar ao nacional-desenvolvimentismo, nem de desconhecer os novos níveis de globalização da economia internacional. Trata-se, no entanto, de adotar uma verdadeira política de desen-

volvimento econômico e social, no interior da qual terá lugar de destaque uma nova política industrial.

Este projeto nacional não pode ser centralmente função do "mercado", da "globalização" e de outros clichês ideológicos que só servem para reativar um monetarismo incompatível com a construção de uma grande nação, sobretudo quando esta possui um gigantesco contencioso social. O México tentou resolver esta equação com as fórmulas que tanto encantam aos basbaques brasileiros: "abertura", "privatizações", "mercado" e outras receitas para "ingressar no Primeiro Mundo".

Frente ao "quarto mundo", que teimosamente persistia em seu interior, ao invés de oferecer soluções estruturais, propôs "políticas sociais compensatórias". A resposta foi o levante de Chiapas que, somado a corrupção do Estado mexicano, transformou em pesadelo um pretenso milagre econômico.

Com 150 milhões de habitantes mas também com mais de 60 milhões de pobres o Brasil tem potencialidades e oferece desafios que exigem um novo modelo de desenvolvimento centrado na resolução da questão social.

Mas, para fazer esta omelete, é preciso quebrar ovos.

O AUTOR

Marco Aurélio Garcia
é professor de História
da Unicamp e
secretário de Relações
Internacionais do PT

